



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

RENATO PACHECO

Eu vi nascer o Brasil

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega  
Elaboração: Rosane Pamplona e Wagner Ribeiro Soares

---

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.<sup>2</sup>*

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

*Depende de nós.*

<sup>1</sup> In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:  
Palavras-chave:  
Áreas envolvidas:  
Temas transversais:  
Público-alvo:

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

#### ◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

#### ◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

#### ◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

#### ◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



## RENATO PACHECO

### Eu vi nascer o Brasil

#### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Renato José Costa Pacheco nasceu em Vitória, Espírito Santo, em dezembro de 1928. É professor, historiador, advogado e magistrado, além de poeta, contista e romancista. Membro da Academia Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, publicou muitas obras acerca da cultura, da geografia e da história de seu Estado, como *Eu vi o Brasil nascer*, que apresenta a história dramática do primeiro donatário da capitania, Vasco Fernandes Coutinho.

Publicou, entre outros, *Tião Sabará*, literatura juvenil; *Fuga de Canaã*, que explora o drama dos migrantes alemães no Espírito Santo; *Porto final*, antologia poética.

#### RESENHA

Em 1490, nasce Vasco Fernandes Coutinho. Segundo filho — portanto sem direito às terras do pai —, vai servir na corte de Dom Manuel. Atraído pelos relatos de aventu-

ras no mar, engaja-se na armada de Dom Afonso e participa das conquistas de terras árabes do Oriente e da África.

Pela sua bravura, é nomeado cavaleiro fidalgo. Casa-se, mas não vive um grande amor com a esposa. Sua sede de aventuras leva-o a falar com o rei, que lhe concede terras no Brasil —, a capitania do Espírito Santo.

Nas novas terras, tudo é novo: a língua, a fauna e flora, os problemas com os índios e os portugueses que o acompanham na aventura. Apesar disso, o seu “Vilão farto”, como ele chamava sua capitania, prosperava. Vasco decide ir a Portugal buscar recursos para incrementar suas terras. Cai doente com maleita e somente à custa de juro exorbitantes consegue dinheiro para voltar ao Brasil. Encontra seu “vilão” arruinado pelas brigas internas e pelos ataques dos índios. As brigas continuam, sua doença não lhe dá tréguas. Padres jesuítas vêm catequizar os índios e o ajudam a conviver melhor com eles.

Quando melhora, decide buscar dinheiro com Dom Duarte, seu ex-companheiro e donatário da agora rica Pernambuco. Mas, acusado de costumes pagãos, é excomulgado. A doença persiste. Sentindo a morte próxima, renuncia à donataria em favor de seu primogênito. Morre só, abandonado e sem glória.

### COMENTÁRIO SOBRE A OBRA

Nascido no Espírito Santo, o autor pesquisou a história de sua terra e nos narra, misturando fantasia e fatos históricos, a vida do primeiro donatário daquela capitania, Vasco Fernandes Coutinho. É este que, em primeira pessoa, nos conta sua vida de aventuras, esperanças, sucessos e fracassos, fazendo-nos refletir sobre a efemeridade das situações. Além de propiciar uma oportunidade de estudo da história do Brasil e de Portugal daquela época, a narração, recheada de termos e expressões da época — muitos esclarecidos no glossário, ao final —, pode favorecer uma reflexão sobre a linguagem.

### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** romance histórico

**Palavras-chave:** história do Brasil e de Portugal do século XVI, colonização do Brasil

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, História, Ciências

**Temas transversais:** Ética, Pluralidade cultural, Saúde

**Público-alvo:** alunos de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental

### PROPOSTAS DE ATIVIDADES

#### Antes da leitura

1. Faça um levantamento do que os alunos se lembram a respeito da história de Portugal e do Brasil no século XVI.

2. O título *Eu vi o Brasil nascer*, articulado à ilustração da capa de Studio Graal, em que uma antiga caravela, desenhada com um traçado que sugere os antigos registros a bico de pena, quando ainda não dispúnhamos da fotografia, sugere que o livro tratará do descobrimento do Brasil. Entretanto o assunto da obra é a colonização do Brasil e o tema, a história do donatário da capitania do Espírito Santo. Certamente os alunos precisarão ajustar suas expectativas de leitura.

3. Leia com eles a apresentação do autor — *Duas palavras* —, que já diz do que vai tratar o livro. Aproveite para mostrar que a linguagem toma emprestados muitos termos e expressões de documentos antigos e pode, portanto, oferecer dificuldades. Antecipe-lhes que há um glossário no final.

4. Chame a atenção dos alunos para a citação (último parágrafo), que evidencia o caráter científico do livro. Lembre-lhes de que escrever um romance histórico demanda uma laboriosa pesquisa. Se possível, leiam juntos um trecho da obra citada pelo autor.

#### Durante a leitura

1. Peça que anotem as dúvidas que surgirem em relação aos fatos históricos e também aos fatos que gostariam de conhecer melhor.

2. Peça que leiam anotando as passagens em que haja índices de uma linguagem mais antiga e formal.

3. Alguns dos problemas enfrentados por Vasco Fernandes (a cobiça, a briga pelo ouro, o desentendimento com os índios) continuam, sob outra roupagem, até nossos dias. Peça que identifiquem esses problemas.

### Depois da leitura

#### ◆ nas tramas do texto

1. Releiam em conjunto a cronologia que antecede o glossário. Recapitem a narrativa apoiando-se nas datas como marcos para essa recapitulação. Alguns fatos ou detalhes de fatos da lista não fizeram parte do romance. Peça que identifiquem quais.

2. Releiam o glossário e esclareçam as dúvidas de linguagem que tenham restado. Como exercício, reescrevam, em linguagem informal, de hoje, alguns dos trechos assinalados durante a leitura.

3. O autor faz várias listas das coisas que o donatário encontrou por aqui: formigas, árvores, frutas. Proponha que releiam essas passagens e que aumentem as listas com os itens que eles conhecem.

4. Se escrevesse ao rei, Vasco contaria as maravilhas e os problemas da nova terra. Proponha que escrevam uma carta a um destinatário fictício, um estrangeiro (ou mesmo um extraterrestre) que não conheça o Brasil, contando-lhe como é nosso país hoje.

5. Quando criança, Vasco assistia ao teatrinho de Mestre Gil Vicente. Apresente aos alunos esse talentoso autor daquela época, lendo-lhes, por exemplo, um trecho do *Auto da barca do inferno* ou da *Farsa de Inês Pereira*. Muitas das obras de Gil Vicente continuam sendo encenadas até hoje; não percam a oportunidade de conhecê-las.

#### ◆ nas telas do cinema

1. Para trabalhar a questão da relação entre brancos europeus (colonos e jesuítas) e índios, seria interessante a exibição do filme *A missão* de Roland Joffé, distribuído pela Flashback. Após a exibição, discuta com os alunos os diversos interesses envolvidos na exploração do trabalho dos índios e o papel dos jesuítas no processo de catequização dos nativos.

2. Outro filme que aborda a questão da relação entre nativos e brancos europeus e conta a história do Descobrimento das Américas, podendo ser utilizado para aprofundar a discussão acima é *1492: A conquista do paraíso*, de Ridley Scott, distribuído pela PlayArte.

#### ◆ nos enredos do real

1. Vasco Fernandes Coutinho adoeceu com maleita. Convide o professor de Ciências para falar sobre essa doença e também sobre os riscos de saúde envolvendo o contato de duas civilizações tão distintas: os riscos que os portugueses corriam em terras tropicais, e os riscos que os índios corriam em contato com os europeus.

2. O tema básico da obra é a colonização do Brasil. Seria interessante trabalhar esse conceito através de um exercício de simulação prévia. Simule com os alunos a colonização de um território. Para realizar este exercício, divida a classe em dois grupos e forneça aos alunos algumas condições que orientarão o trabalho, por exemplo: um grupo irá colonizar um território habitado por uma civilização organizada, com sistemas político, econômico e cultural já estabelecidos, e rico em metais preciosos; outro grupo colonizará um território habitado por populações que vivem sob condições neolíticas e não conhecem o comércio, além de não existirem metais precioso-

sos. Como — e o que — os alunos fariam para colonizar essas regiões? Através deste trabalho, pretende-se discutir o conceito de colonização, portanto, seria interessante questionar os alunos, ao final do trabalho, sobre o que é colonizar um determinado lugar.

3. As navegações dos séculos XV e XVI foram profundamente influenciadas pelas contribuições dos árabes. Solicite aos alunos uma pesquisa sobre a formação dos países ibéricos, a influência árabe naquela região e a colaboração dos mouros nas navegações empreendidas por portugueses e espanhóis.

4. Debata com os alunos a questão da influência do sistema de capitanias e distribuição de sesmarias do início da colonização do Brasil sobre os problemas fundiários vividos nos dias atuais. Proponha a questão: Que relação existe entre o sistema de capitanias e a formação de latifúndios no Brasil?

## DICAS DE LEITURA

### ► do mesmo autor

*Tião Sabará* (com Luiz Guilherme Santos Neves) — São Paulo, Moderna

*Fuga de Canaã* — Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida

*Porto final* — Rio de Janeiro, Galo Branco

### ► sobre o mesmo gênero ou assunto

*Café, suor e lágrimas* — Luiz Galdino, São Paulo, Moderna

*O ciclo da soja* — Fernando Vaz, São Paulo, Saraiva

*Viajantes do maravilhoso* — Guilermo Giucci, São Paulo, Companhia das Letras

### ► leitura de desafio

*O desejado*, de Aydano Roriz, conta a história de Dom Sebastião, figura ao mesmo tempo histórica e mitológica pelo fascínio que exerceu em portugueses e brasileiros. Publicado pela Ediouro, Rio de Janeiro.